

A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES-TRABALHADORES DA EJA SOBRE O ENSINO REMOTO

THE PERCEPTION OF EJA STUDENT-WORKERS ABOUT REMOTE TEACHING

Lilian Barreto Lellis¹ - UFJ
Juiliana Ferreira Florentino² - UFJ
Vanderlei Balbino da Costa³ - UFJ

RESUMO

A pesquisa originou-se a partir das experiências no ensino remoto para a EJA em uma escola estadual no município de Barra do Garças/MT. O problema da pesquisa foi: como os estudantes-trabalhadores da EJA lidam com as aulas remotas por meio das tecnologias de informação e comunicação? O objetivo da investigação foi refletir sobre as contribuições que o ensino remoto traz aos estudantes-trabalhadores da EJA. Baseamo-nos nos escritos de Kenski, 2003; Souza, 2020; Paiva, 1973. Os resultados demonstram que os estudantes-trabalhadores veem de forma positiva o ensino remoto e as aulas virtuais. Nossas considerações, não conclusivas, abre-nos à possibilidade de discussões sobre uma nova forma de ofertar a EJA no Estado do Mato Grosso que é a EJA EaD, que nos últimos anos vem sendo defendida por governantes como uma possibilidade ao atendimento às especificidades da EJA no estado.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Ensino Remoto. Tecnologias de Informação e Comunicação.

ABSTRACT

The research originated from the experiences in remote education for EJA in a state school in the municipality of Barra do Garças/MT. The research problem was how do EJA student-workers deal with remote classes through information and communication technologies? The purpose of research is to reflect on the contributions that remote education brings to EJA student-workers. We are based on the writings of Kenski, 2003; Souza, 2020; Behar, 2020. The results show that these students see remote education and virtual classes in a positive way. Our inconclusive considerations open to us the possibility of discussions on a new form of offer to EJA in the state of Mato Grosso, which is the EJA EaD, which in recent years has been defended by government officials as a possibility to meet the specificities of EJA in state.

KEYWORDS: Adult Education. Remote Teaching. Information and Communication Technologies.

DOI: 10.21920/recei72021723581591
<http://dx.doi.org/10.21920/recei72021723581591>

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação pela UFJ - Universidade Federal de Jataí. Graduada em Ciências Biológicas pela UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: libionx@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6521-0530>.

²Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação pela UFJ - Universidade Federal de Jataí. E-mail: juilianaff@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8687-4774>.

³ Professor da Faculdade de Educação-UFG. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) - Universidade Federal Jataí - Nível Mestrado, atuando na Linha de Pesquisa 2: Políticas Educacionais, Gestão e Formação de Professores. E-mail: vanderleibalbino@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1330-747X>.

INTRODUÇÃO

O século XXI, nasceu determinado a romper barreiras, eliminar fronteiras, quebrar paradigmas, enfim, pôr fim aos regimes totalitários, às ditaduras políticas e às guerras religiosas que, em nome de "Deus", dizimaram populações ao redor do planeta.

Se o século XX, na ótica dos historiadores, foi considerado o século das guerras, revoltas, crises políticas, fim de regimes teocráticos, totalitários, ditatoriais, o século XXI é marcado como o século da expansão da globalização econômica, do neoliberalismo, da livre concorrência de mercado, cujas propostas sulearam um novo modelo de gestão política, cultural e econômica.

A nova ordem mundial que esprou circundando continentes, os avanços tecnológicos, o aviltante crescimento da informática, a evolução da robótica, dentre outras transformações não foram suficientes para que a humanidade desenvolvesse-se, a ponto de se evitar a proliferação do novo Coronavírus que já dizimou milhões de pessoas ao redor do planeta. Nessa direção, os avanços tecnológicos, a computação gráfica, a era da robótica, a era digital, a invenção do supercomputador, dentre outros não estão sendo suficientes para eliminar pestes, misérias, pandemias, vírus avassaladores capazes de dizimar milhões de pessoas.

Dados da Organização Mundial de Saúde, revelam que a COVID-19, pôs fora da escola aproximadamente um bilhão e quinhentos milhões de estudantes (UNESCO, 2020). A pandemia do novo coronavírus deixou longe da educação milhões de crianças na educação infantil, no ensino fundamental e médio. O vírus avassalador pôs fim a diálogos nas universidades de centenas de milhares de jovens. Da mesma maneira que transformou as relações sociais em todo o mundo e na escola não foi diferente. Ela impôs o distanciamento social necessário para controlar o contágio pelo coronavírus, e com isso o fechamento de escolas em todo o Brasil. O crescente número de casos e internações pela COVID-19, atrasou o retorno das aulas presenciais no Brasil e, por conseguinte, também no Estado do Mato Grosso, condicionando professores, alunos e famílias ao Ensino Remoto.

O Ensino Remoto Emergencial foi o meio encontrado pelo MEC para dar continuidade às aulas sem prejudicar o ano letivo. Essa nova realidade pandêmica em que estamos passando trouxe desafios inesperados para os professores que, de uma hora para outra, tiveram que se reinventar pedagogicamente. No momento em que as aulas passaram a ser on-line e as salas de aulas tornaram-se grupos de WhatsApp, houve uma transformação das relações sociais e dos tipos de interações como nunca vistos antes, como esclarece Souza, Marques e Cruz (2013, p. 1)

O crescimento e desenvolvimento de tecnologias da informação e da comunicação e das mídias suportam diversas linguagens e o seu uso nas diferentes esferas da atividade humana trouxe novos modos aos sujeitos para ler, escrever, se relacionar e interagir socialmente, agregando neste processo os elementos da cultura oral, da cultura impressa e da cultura digital.

Esses elementos também passaram a pertencer à escola, fazendo-se necessário que os professores criassem abordagens pedagógicas e revissem o papel das tecnologias de informação e de comunicação nesse contexto de pandemia (VILAÇA; ARAÚJO, 2016).

Não obstante, é profícuo assinalar que o distanciamento intensificou as diferenças sociais e as desigualdades de acesso, já que o modelo remoto de atendimento aos estudantes exige-se acesso à internet e equipamentos como celular smartphone, tablete e computador, o que está longe de ser uma realidade para muitos brasileiros, já que cerca de 5,8 milhões de estudantes no Brasil não tem acesso à internet banda larga ou 3G/4G em casa (IPEA, 2020).

As aulas remotas emergenciais, só atestaram a precarização das escolas públicas como infraestrutura inadequada, falta de qualificação dos professores para a implementação das mídias dentro e fora da sala de aula, bem como a dificuldade de os estudantes lidarem com as tecnologias de informação e comunicação no contexto educacional (SOUZA, 2020). Pensar no ensino remoto com essas desigualdades é pensar que de uma forma ou de outra a escola mantém-se excludente, perpetuando e favorecendo as elites em nossa sociedade.

Ao nos referirmos ao Estado do Mato Grosso, essa realidade torna-se mais premente ainda, além das dimensões terrestres com uma área de 903.546,42 km² e uma população de apenas 3.441.998 habitantes (IBGE, 2018). Aqui, como em outros estados federativos, também predomina as enormes diferenças regionais causadas principalmente pelo agronegócio, que faz com que os municípios mais ricos do Estado tenham uma boa estrutura urbana, com sistemas de educação e saúde pública eficientes, com uma rede de prestadores de serviços público ou privado, bem aparelhada. No entanto, a maior parte dos municípios carecem dessas infraestruturas, especialmente ao considerarmos que o acesso à rede mundial de computadores nas escolas públicas no Estado ainda se dá de forma desigual. Um levantamento do Instituto Rui Barbosa, com base no Censo Escolar 2020 divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2021), mostra que 49,15% das escolas estaduais do Mato Grosso não possuem internet banda larga para auxiliar os alunos nos estudos.

Diante do cenário que ora se desenha, observamos que ao mesmo tempo em que as tecnologias digitais de comunicação e informação tornaram-se essenciais para o acesso à informação, ampliaram as possibilidades de interação e comunicação, e ainda possibilitaram formas diferenciadas de se alcançar a aprendizagem, também passou a exigir dos professores o uso de metodologias de ensino diferenciadas e dos estudantes, o desenvolvimento de novas competências que os conduzam a novos avanços socialmente válidos (KENSKI, 2003). A problemática que identificamos nessa nova forma de conduzir as aulas remotas é a de que grande parcela dos professores, bem como dos estudantes não estavam preparados para estudar de forma remota.

Assim, a possibilidade de desenvolver a aprendizagem em diferentes espaços, contextos e tempos tem-se constituído um desafio para os professores no sentido de superar as desigualdades e tentar ofertar um ensino de qualidade, em especial, para os estudantes da Educação de Jovens e Adultos que há muito tempo estão alijados desse importante direito social.

Nossa motivação por essa pesquisa originou-se a partir das nossas experiências com as aulas virtuais para o público da EJA. Ao conhecermos as dificuldades que esses alunos enfrentam para estudar, uma vez que são trabalhadores, somadas às necessidades que esses sujeitos têm de superar as condições de vida, pois veem na educação a possibilidade de melhoria em sua trajetória profissional e pessoal. Isso nos faz questionar se os estudantes da EJA estão tendo uma aprendizagem significativa no ensino remoto.

Ao discutirmos essa modalidade de ensino, cumpre-nos acentuar que nosso problema de pesquisa consubstanciou-se em saber: como os estudantes-trabalhadores da EJA estão lidando com as aulas remotas por meio das tecnologias de comunicação e informação?

Desse modo, nossos objetivos com a realização dessa pesquisa foram: refletir sobre as contribuições que o ensino remoto trouxe aos estudantes-trabalhadores da EJA de uma escola pública no município de Barra do Garças - MT; identificar nos discursos dos estudantes quais são suas percepções sobre o ensino da EJA ministrado de forma remota; discutir à luz da literatura as opiniões dos estudantes sobre suas percepções do ensino da EJA ser ministrado de forma híbrida. A fim de alcançarmos os objetivos pretendidos, elaboramos um questionário on-

line e enviamos o link aos estudantes da EJA de uma escola pública no município de Barra do Garças - MT.

Ao considerar a pandemia da COVID-19, cumpre-nos acentuar que o ensino remoto emergencial foi a solução encontrada para dar continuidade aos estudos em várias partes do mundo acometidas pelo distanciamento social que a pandemia do novo coronavírus impôs. No entanto, é importante ressaltar que à luz da literatura especializada que aborda o Ensino Remoto Emergencial não seja confundida com Educação a Distância (EaD), como pontua Behar (2020, p. 3) "O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância não podem ser compreendidos como sinônimos". De acordo com o Ministério da Educação (MEC), a Educação a Distância (EaD) pode ser definida como sendo "a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos" (BRASIL, 2017). Com isso, podemos dizer que a Educação a Distância é uma modalidade de ensino remoto planejada, com metodologia e didática elaboradas para explorar os recursos digitais.

Já o Ensino Remoto até bem pouco tempo não era reconhecido no contexto da literatura educacional como um modelo de ensino. Sendo o meio encontrado por entidades de todo mundo em dar continuidade ao cronograma letivo e, assim, não comprometer o ensino. No Brasil, trata-se, pois, de uma medida temporária aprovada pelo MEC para driblar a interrupção das aulas presenciais enquanto as circunstâncias inviabilizarem a aglomeração social. Segundo Costa (2020), as aulas no ensino remoto emergencial acontecem em um tempo síncrono (seguindo os princípios do ensino presencial), a partir de videoaulas, aula expositiva por sistema de web conferência com transmissões ao vivo, os alunos possuem interação de forma diária ou frequente com o professor para sanar suas dúvidas e promover um contato mais próximo - na medida do possível - entre educadores e estudantes. O objetivo é que eles tenham interações nos mesmos horários como se estivessem nas aulas do modelo presencial, ou seja, o ensino remoto mantém a rotina da sala de aula em um ambiente virtual acessado por cada um independentemente da sua localidade.

No que concerne aos estudantes da EJA em Mato Grosso, estes acessam às aulas virtuais por meio da plataforma Google for Education - Google Classroom, Google Meet, Google Forms entre outros, disponibilizada pelo próprio Governo. As escolas organizaram as salas de aula em grupos de WhatsApp. Por sua vez, as aulas acontecem de forma síncrona, isto é, em tempo real. No entanto, os espaços e tempos da escola foram substituídos por outros espaços e tempos agora extraclasse, mas que acabam por formar uma rede de aprendizagem permitindo aos alunos e aos professores aprenderem mutuamente (CRUZ, 2010).

Estudiosos como Kenski (2003) e Virilio (1993) afirmam que estamos vivendo um novo momento tecnológico, o celular, a TV, o computador são equipamentos que muito rapidamente vêm transformando nossa forma de viver e de aprender na atualidade. Se antigamente as pessoas precisavam ficar às janelas para se informar das coisas, hoje as informações estão "na palma de nossas mãos", pela tela do celular é possível saber de tudo o que está acontecendo em todos os lugares. Hoje, é por meio do celular que as pessoas comunicam-se, informam-se e transformam seus comportamentos, inclusive, a forma de aprender.

Essas novas formas de interação com as tecnologias constituem um grande desafio para a educação na atualidade, especialmente para a EJA, ao mesmo tempo em que pode possibilitar aos seus sujeitos uma aprendizagem integradora, coletiva e que possa articular informações e pessoas que estão em locais diferentes e que são de idade, sexo, condições físicas, áreas e níveis diferenciados de formação.

Não intencionamos aqui conceituar o ensino da EJA. Contudo, pensamos ser necessário pontuar que a Educação de Jovens e Adultos (EJA), é uma modalidade de ensino ofertada às pessoas que foram distanciadas do direito à educação ou durante a infância e/ou adolescência, ou seja, não tiveram "[...], oportunidades educacionais em idades próprias ou que a tiveram de forma insuficiente, não conseguindo alfabetizar-se e obter os conhecimentos básicos necessários" (PAIVA, 1973, p. 16). Tendo, dessa forma, sua escolaridade regular interrompida.

Ao discutirmos o papel social da escola, voltamo-nos para o pensamento de Galtung (1981), ao pontuar que a escola é instrumento mantenedor dos lugares sociais, isto é, as classes sociais formam-se e dividem-se de acordo com o grau de construção e formação escolar a que os indivíduos têm acesso, o que fica mais evidente quando verificamos o ciclo econômico que dispõe os menos graduados as posições sociais mais baixas enquanto aos mais graduados a mais alta posição. O pensamento de Galtung (1981) é corroborado por Bourdieu (2007) ao ressaltar as condições estruturais que reproduzem as desigualdades sociais que nos ajuda a pensar a educação como um vetor social que transforma a sociedade, apostando na educação como principal determinante das oportunidades de inserção no mercado de trabalho e da remuneração recebida.

Logo, cumpre-nos aqui falar da importância social que a EJA tem para esses sujeitos ao reivindicarem seu direito a uma educação em qualquer idade, voltando para a escola. Mesmo sendo dever do Estado garantir igualdade de condições para o acesso e permanência na educação básica e assegurar a oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria, não é isso o que acontece, pois segundo dados recentemente divulgados pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico, (OCDE) mostram que quase metade (47%) dos adultos entre 25 e 64 anos não concluíram o ensino médio (BEZERRA, 2021). Assim, para muitos jovens, adultos e idosos que não conseguiram concluir os estudos por algum motivo, a Educação de Jovens e Adultos constitui o meio para efetivação do término de seus estudos e uma possibilidade de resgate social para esses indivíduos socialmente excluídos, desvalorizados e subjugados, mas que apesar disso, veem a educação como acesso ao mundo do trabalho e melhoria da sua qualidade de vida.

A dívida social que temos com esses sujeitos é enorme, daí a importância de continuarmos lutando pelo respeito e pela valorização das especificidades dos sujeitos da EJA em Mato Grosso e pela necessidade de se manter a concepção de uma educação de adultos democrática e emancipadora. Isto posto, entendemos que este trabalho torna-se relevante ao pensarmos nas peculiaridades do público da Educação de Jovens e Adultos e como a aprendizagem pode ocorrer em seus diferentes contextos, bem como se abre uma nova possibilidade de estudos para essa modalidade no pós-pandemia.

METODOLOGIA

Nossa opção nessa investigação priorizou a pesquisa qualitativa, conceituada por Malhotra (2006, p. 38) como uma “metodologia de pesquisa não-estruturada e exploratória, baseada em pequenas amostras que proporcionam percepções e compreensão do contexto do problema”. Assim, esse tipo de pesquisa prioriza o contato direto do pesquisador com o ambiente e com a situação que está sendo investigada, ou seja, na pesquisa qualitativa, a coleta dos dados ocorre de forma espontânea no próprio ambiente em que o acontecimento apresenta-se (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Por estamos em isolamento social, devido à pandemia do novo coronavírus, a coleta de dados ocorreu por meio de um questionário on-line, no qual foi utilizada a ferramenta Google

Forms, com a finalidade de obtermos informações em relação à percepção dos estudantes-trabalhadores sobre as aulas virtuais ofertadas para a Educação de Jovens e Adultos em uma escola da Rede Estadual de Ensino, no município de Barra do Garças - MT.

O questionário, segundo Gil (2002, p. 128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. Assim, está uma técnica que servirá para coletar as informações da realidade.

O questionário foi enviado a um grupo de 10 estudantes por meio do WhatsApp. Escolhemos como critério de seleção, os estudantes que estivessem trabalhando neste momento de pandemia e optaram pelo ensino remoto ofertado pelo estado do Mato Grosso. Todos os estudantes encontram-se cursando o Ensino Fundamental - 2º Segmento EJA, estão devidamente matriculados e participam assiduamente das aulas virtuais. Fizeram parte da pesquisa indivíduos do sexo feminino e masculino, com faixa etária entre 17 e 56 anos. Os estudantes que optaram por esse atendimento possuem celular e tem o WhatsApp como principal ferramenta para assistir às aulas virtuais.

O questionário contou com cinco questões de múltipla escolha em que os respondentes puderam optar por uma das alternativas, ou por determinado número permitido de opções. Para a escolha do formato das respostas às questões foi levado em consideração as vantagens ressaltadas por Mattar (1994): facilidade de aplicação, processo e análise; facilidade e rapidez no ato de responder; apresentam pouca possibilidade de erros; diferentemente das dicotômicas, trabalham com diversas alternativas. As questões versavam sobre a qualidade da internet, acesso às aulas remotas e pontos positivos e negativos das aulas virtuais.

Posteriormente, as informações recolhidas foram submetidas à análise. De acordo com Gil (2002), na análise, procura-se verificar se todas as perguntas foram respondidas adequadamente, se as respostas dadas não denotam dificuldade no entendimento das questões, se as respostas correspondentes às perguntas abertas são passíveis de categorização e de análise, enfim, tudo o que puder implicar a inadequação do questionário enquanto instrumento de coleta de dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados mostraram-nos que no estado do Mato Grosso o ensino está sendo ofertado por meio de material apostilado impresso disponibilizados pelas unidades escolares aos alunos sem acesso à internet, ou pelo ensino remoto para aqueles que possuem internet mediante o acesso à plataforma Google for Education ou a partir de ferramentas digitais como WhatsApp (aplicativo de mensagens) e Google Meet (plataforma de reuniões on-line).

Constatamos nesses resultados que o nosso público-alvo nessa pesquisa foram os estudantes-trabalhadores, por compreendermos a importância das especificidades desses sujeitos para EJA, pois jovens, adultos e idosos têm responsabilidades com os estudos, trabalho e a família. Essa situação, renda/trabalho, como afirma Salata (2019), é uma das responsáveis pela situação de fracasso escolar desses estudantes, que ainda inclui, incapacidade (por motivo de doenças, falta de documentação), motivação e oferta (falta de escola, falta de transporte).

Se considerarmos que para a ocorrência do ensino remoto é imprescindível o uso da internet, indagamos aos estudantes sobre a disponibilidade e a qualidade desta. Assim, todos responderam ter internet em casa (wi-fi residencial), no entanto quanto à qualidade da internet, 70% dos estudantes classificaram como regular e 30% como boa. A qualidade da internet está

relacionada aos serviços prestados pelas operadoras em determinadas regiões do Estado do Mato Grosso.

A fim de compreender melhor as expectativas dos estudantes da EJA sobre as aulas virtuais, eles foram indagados sobre os pontos negativos e positivos desse tipo de atendimento. Para 100% dos estudantes que responderam ao questionário, os pontos negativos estão na dificuldade de ler na tela do celular, a dificuldade com a conexão de internet foi levantada por 30% dos estudantes e o fato de não saberem lidar com os recursos tecnológicos é obstáculo para 70% dos estudantes. Echalar e Peixoto (2017), alertam quanto ao processo de inclusão digital nas escolas brasileiras, que apresenta precária infraestrutura tecnológica e a situação de vulnerabilidade dos estudantes, oriunda das condições econômicas vividas por estes e afirmam que o processo de inclusão tecnológica na vida escolar, não pode estar desarticulado de uma infraestrutura adequada nas escolas e do processo formativo ofertado aos professores.

Já os pontos positivos levantados foram a comodidade de estudar no espaço de casa, poder estudar no trabalho e o tempo para a entrega das atividades, a possibilidade de acessar todas as aulas pelo grupo de WhatsApp a qualquer momento que precisarem e todos os estudantes listaram o atendimento dos professores aos alunos e os materiais trabalhados pelos professores como sendo ótimos. Percebemos aqui, que o trabalho pedagógico desenvolvido pelos professores nesta unidade escolar é reconhecido pelos estudantes-trabalhadores da EJA, e que mesmo diante de tantas dificuldades temos profissionais comprometidos em conduzir esses estudantes a uma aprendizagem que produzam significados para as suas vidas e, conseqüentemente, os levem a transformar suas realidades. O que pode ser corroborado na fala de Cândido e Alves (2011, p. 1)

os professores que se dedicam ao campo da educação de pessoas adultas, carregam em si mesmo e na prática pedagógica diária uma grande responsabilidade social e política quando buscam compreender as histórias de vida, os saberes e os ensinamentos advindos dos educandos para construir seu trabalho docente.

Ao indagar sobre o momento de pós-pandemia e o retorno das aulas presenciais, 50% estudantes, disseram que gostariam de continuar com as aulas virtuais, pois acreditam que dessa forma têm mais tempo para estudar. Outros 50% optariam pelo ensino híbrido, intercalando aulas presenciais e virtuais. Nenhum dos estudantes optou, neste momento, pelas aulas 100% presenciais, da forma tradicional como eram antes da pandemia. Acreditamos que o Ensino Híbrido terá de passar a fazer parte da realidade da educação pública após a quarentena, pois o Governo já prepara a volta às aulas para o segundo semestre de 2021. Essa forma de ensino é composta por modelos de aula que integram atividades presenciais e on-line, no qual os recursos digitais são utilizados para coletar dados e informações que serão analisadas pelo professor com o objetivo de personalizar o ensino. Ou seja, não se trata apenas de uma mescla do presencial e remoto, mas de usar os recursos digitais para coletar insumos que permitam planejar atividades mais condizentes com as necessidades dos estudantes (FERREIRA, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas reflexões não são finais, nem ao menos conclusivas. No entanto, nosso objetivo foi refletir sobre as percepções dos estudantes-trabalhadores da EJA sobre o ensino remoto. Percebemos que há uma avaliação positiva das aulas virtuais entre os estudantes que optaram por essa forma de atendimento, mesmo diante de todas as dificuldades que se apresentaram com essa nova realidade do ensino remoto, os estudantes-trabalhadores da EJA acreditam no ensino que estão recebendo.

Na nossa avaliação, pensamos que para os estudantes, essa avaliação é positiva, uma vez que se considerarmos que esses sujeitos são trabalhadores da EJA, essa opção procede, pois os mantêm em sua zona de conforto em suas casas quando da exibição das aulas.

Embora com a avaliação dos alunos sendo positiva, vale ressaltar que as aulas remotas são uma forma emergencial de ensino, logo, não substituem as aulas presenciais. No entanto, a percepção positiva dos estudantes abre-nos à possibilidade de discussões sobre uma nova forma de oferta à EJA no estado do Mato Grosso que é a EJA EaD, que nos últimos anos vem sendo defendida por governantes como uma possibilidade ao atendimento das especificidades de EJA no Mato Grosso.

No entanto, não podemos cair na cilada governamental, que defende o ensino totalmente a distância, eximindo o Estado de sua responsabilidade pública para com a educação, impedindo os professores de partilhar saberes com esses jovens trabalhadores e tirar dos estudantes a pouca possibilidade que esses sujeitos ainda têm de assistir aulas de forma presencial nas escolas públicas no Mato Grosso.

Uma das nossas intenções com essa pesquisa foi denunciar ao Brasil que o Estado do Mato Grosso é uma das unidades da federação mais precária em relação à oferta de internet. Já que, de acordo com o levantamento do Instituto Rui Barbosa, com base no Censo Escolar 2020 divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), mostra que 49,15% das escolas estaduais do Mato Grosso não possuem internet banda larga. Isso quer dizer que o ensino remoto seguramente é um dos mais prejudicados nessa modalidade, não podendo ser ofertado totalmente a distância. Vale ressaltar que o atendimento EaD para a EJA, necessita de plataformas específicas e de formação dos professores para essa forma de atendimento e, ainda assim, pode não contemplar, pois como levantado de forma negativa pelo estudantes-trabalhadores, a internet e a dificuldade em lidar com as tecnologias acabam por limitar esse tipo de oferta.

Assim, compreendemos que numa sociedade com tantas desigualdades o uso das tecnologias na educação é imprescindível, mas não resolve os problemas sistematizados nessa modalidade de ensino como a evasão escolar e o direito desses estudantes-trabalhadores em terem um ensino de qualidade e atento as suas especificidades dentro de espaços e tempos diversos.

No que se refere ao ensino da modalidade EJA para Jovens trabalhadores, pensamos que as instituições públicas e gestores que as representam, empresas, nas quais esses trabalhadores estão vinculados precisam imediatamente propor políticas de formação de modo a atender esses trabalhadores, sem que os façam abrir mão dos estudos em detrimento do trabalho, pois assim como o labor tem para eles um significado importante em sua trajetória profissional, sua qualificação-habilitação-formação também soma em seu processo de emancipação política e social.

REFERÊNCIAS

BEHAR, Patrícia Alejandra. **O ensino remoto emergencial e a Educação a Distância.** Jornal da Universidade. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 2020.

BEZERRA, Gabriel. **47% da população adulta não concluiu o ensino médio, diz pesquisa.** Correio Braziliense. Eu Estudante. Brasília, Distrito Federal. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2021/07/4935598-47-da-populacao-adulta-nao-concluiu-o-ensino-medio-diz-pesquisa.html>. Acesso em 26 jul 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BRASIL. **Decreto Nº 9.057, de 25 de maio de 2017.** Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 2017. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/20238603/do1-2017-05-26-decreto-n-9-057-de-25-de-maio-de-2017-20238503. Acesso em: 26 jun. 2021.

CÂNDIDO, Andréa da Conceição; ALVES, Flávia de Freitas. A percepção dos docentes da educação de jovens e adultos sobre o seu campo de atuação profissional: conhecer para transformar. Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE). **SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 25.** 2001. Disponível em: <https://anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompleto/comunicacoesRelatos/0054.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2021.

COSTA, Kátia Andréa Silva da. **EaD, ensino híbrido e ensino remoto emergencial: perspectivas metodológicas.** Instituto Federal do Paraná (IFPR). 2020.

ECHALAR, Adda Daniela Lima Figueiredo; PEIXOTO, Joana. Um computador por aluno: o acesso às tecnologias digitais como estratégia para a redução das desigualdades sociais. **Ensaio: avaliação pública da educação.** Rio de Janeiro, v. 25, n. 95, p. 393-413, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/1155>. Acesso em: 26 jul. 2021.

FERREIRA, Janice Porto. **Ensino Híbrido na EJA: mapeamento sistemático da literatura.** Universidade de Santa Maria – RS. Curso de Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação (EAD). 2018. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15216/TCCE_TICAE_EaD_2018_FERREIRA_JANICE.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 26 jul. 2021.

GALTUNG, Johan. **Literacy, education and schooling: for what?** In: H.J. Graff (Org.), Literacy and Social Development in the West: A Reader. Cambridge: Cambridge University Press. Development in the West: A Reader. Cambridge: Cambridge University Press. 1981.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais:** uma análise das condições de vida da população brasileira. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 26 jul. 2021.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica 2020:** resumo técnico [recurso eletrônico] - Brasília: Inep, 2021. 70 p.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Governo Federal. **Nota Técnica nº 88:** acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia. Diretoria de Estudos e Políticas Sociais. 2020. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10228/1/NT_88_Disoc_AcesDomInternEnsinoRemoPandemia.pdf. Acesso em: 26 jul. 2021.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância** (Série Prática Pedagógica). Campinas, SP. Papirus, 2003.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 4. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução e análise**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1994. 2 v. (2).

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1973.

SALATA, André. Razões da evasão: abandono escolar entre jovens no Brasil. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 99-128, 30 abr. 2019. Quadrimestral. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://journals.openedition.org/intersecoes/310>. Acesso em: 05 maio 2021.

SOUZA, Maria Marlete de. **A Educação de Jovens e Adultos em tempos de pandemia no contexto brasileiro**. Pensar a Educação em Pauta. 2020. Disponível em: <http://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/a-educacao-de-jovens-e-adultos-em-tempos-de-pandemia-no-contexto-brasileiro/>. Acesso em: 05 maio 2021.

SOUZA, Terezinha Fernandes Martins de; MARQUES, Thiago Rafael Ferreira; CRUZ, Dulce Márcia. Letramento Digital: levantamento de pesquisas em bases de dados brasileiras. **RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação**. v. 11. n. 3, dez, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/44469>. Acesso em: 26 jul. 2021.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19**. Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em: 26 jul. 2021.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; ARAUJO, Elaine Vasquez Ferreira de (Orgs.). **Tecnologia, Sociedade e Educação na Era Digital** [livro eletrônico]. Duque de Caxias, RJ. Universidade UNIGRANRIO, 2016. 300 p.

VIRILIO, Paul. **O Espaço crítico**. Tradução Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. 160 p.

Submetido em: agosto de 2021

Aprovado em: setembro de 2021